

## PERSPECTIVAS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL LEVADAS PARA O ENSINO BÁSICO: FORMANDO LEITORES E CONTADORES DE HISTÓRIAS

PERSPECTIVES OF TEXTUAL LINGUISTICS IN BASIC EDUCATION: SHAPING READERS AND STORYTELLERS

PERSPECTIVAS DE LA LINGÜÍSTICA TEXTUAL PARA LA ENSEÑANZA BÁSICA: FORMANDO LECTORES Y CONTADORES DE HISTORIAS

Leonardo Machado Batista <sup>1</sup>  
Franciely Weber Tarouco <sup>2</sup>

**Manuscrito recebido em:** 14 de outubro de 2019.

**Aprovado em:** 06 de outubro de 2021.

**Publicado em:** 27 de novembro de 2021.

### Resumo

Este artigo versa sobre uma experiência de trabalho com o gênero *conto popular* nas séries finais do Ensino Fundamental. Trata-se de um projeto pedagógico que envolveu alunos do sexto ano e que foi desenvolvido em 2017. A proposta divulgada neste texto convidava os participantes a narrar oralmente contos populares a estudantes do quinto ano do Ensino Fundamental. Para que se possa identificar a importância da fundamentação teórica no fazer docente, alguns pressupostos teórico deram sustentação a este plano de ensino, como o termo *texto*, que é tomado sob duas perspectivas teóricas: primeiramente, enquanto discurso, como o produto da interação social entre pessoas que fazem parte de uma esfera de atividade humana (BAKHTIN, 1992); secundamente, enquanto unidade de sentido constituída por elementos de textualidade, especificamente neste ensaio, pela intencionalidade, pela aceitabilidade e pela situacionalidade (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012; COSTA VAL, 1991). Neste artigo também são tecidas algumas reflexões sobre as contribuições da Linguística Textual para o ensino de língua materna. As considerações finais dão conta de que o trabalho com o texto proporciona aos estudantes envolvidos não apenas o desenvolvimento de habilidades discursivas, mas também a formação de identidades individuais e coletivas.

**Palavras-chave:** Ensino de Língua Materna; Teoria Linguística; Contexto da Educação; Leitura; Escrita.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Letras. Professor na rede privada de ensino de Porto Alegre.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6365-690X>

Contato: [prof.leobatista@gmail.com](mailto:prof.leobatista@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda em Linguística Aplicada, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora na rede privada de ensino de Porto Alegre.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6659-1259>

Contato: [franciely.webert@gmail.com](mailto:franciely.webert@gmail.com)

## Abstract

This article deals with the experience of working with the *folk tale* gender in the final grades of elementary school. It is a pedagogical project, developed in 2017, that involved sixth graders. The proposal disclosed in this text invited participants to narrate folk tales to students in the fifth year of elementary school. In order to identify the importance of the theoretical foundation in teaching, some theoretical assumptions have given support to this teaching plan. As an example, the term *text*, is taken under two theoretical perspectives: first, as a discourse, the product of social interaction between people who are part of a sphere of human activity (BAKHTIN, 1992); secondly, as a unit of meaning consisting of elements of textuality, specifically in this essay, by intentionality, acceptability, and situationality (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012; COSTA VAL, 1991). In this article, some reflections are also made on the contributions of Textual Linguistics to teaching of the native language. Final considerations show that working with the text gives students involved not only the development of discursive skills, but also the formation of individual and collective identities.

**Keywords:** Teaching Native Language; Theoretical Linguistics; Education Context; Reading; Writing.

## Resumen

Este artículo versa sobre una experiencia de trabajo con el género *cuento popular* en los años finales de la primaria. Se trata de un proyecto pedagógico que involucró a alumnos del sexto año y que se desarrolló en 2017. La propuesta que se divulga en ese texto invitaba a que los alumnos narraran oralmente cuentos populares a estudiantes del quinto año de la primaria. Para que se pueda identificar la importancia de la fundamentación teórica en el quehacer docente, algunos presupuestos teóricos sostuvieron la planificación, como el término *texto*, que se toma bajo dos perspectivas teóricas: primeramente como discurso, como producto de la interacción social entre personas que forman parte de una esfera de la actividad humana (BAKHTIN, 1992); también como unidad de sentido constituida por elementos de textualidad, específicamente en este ensayo por la intencionalidad, por la aceptabilidad y por la situacionalidad (SANTOS; RICHE; TEIXEIRA, 2012; COSTA VAL, 1991). En este artículo también se reflexiona sobre las contribuciones de la Lingüística Textual para la enseñanza de lengua materna. Las consideraciones finales dan cuenta de que el trabajo con el texto les proporciona a los estudiantes involucrados no solo el desarrollo de habilidades discursivas, pero también la formación de identidades individuales y colectivas.

**Palabras-clave:** Enseñanza de Lengua Materna; Teoría Lingüística; Contexto de la educación; Lectura; Escritura.

## Considerações iniciais

Neves (1993, 2018) responsabiliza a Universidade pelo fracasso das aulas de Português. Para a autora, os acadêmicos não têm sido capazes de solucionar os problemas que descobrem em suas pesquisas relacionadas ao ensino de língua materna porque o contato que mantêm com o ensino básico é escasso. É necessário, portanto, aproximar a

academia dos níveis mais básicos de ensino a fim de propor alternativas fundamentadas nos avanços da Ciência da Linguagem.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante, PCNs), as aulas de língua materna devem ser orientadas em três eixos: leitura, escrita e reflexão linguística (BRASIL, 1997). O trabalho com a leitura envolverá, certamente, uma concepção de texto e de discurso a ser assumida pelo professor interessado em ensinar a ler. Essa postura exigirá o contato com disciplinas que se encarregaram de estudar esse fenômeno a partir de diferentes ângulos.

Entre os autores que se preocuparam com o discurso, o filósofo russo Mikhail Bakhtin e seu círculo são considerados referência. A extensa produção intelectual desses estudiosos contribuiu para a construção de uma Linguística Textual capaz de explicar desde o surgimento, passando pelas suas características para chegar a um pensamento complexo sobre as relações entre linguagem/discurso e sociedade.

Além dos filósofos da linguagem, que estiveram engajados sobretudo no campo ideológico, outros linguistas preocuparam-se tomar o texto em si enquanto objeto de estudo. Formularam, então, conceitos explicativos sobre a tessitura textual e os mecanismos que a compõem.

O professor de língua materna, diferentemente do pesquisador, em benefício de uma formação ampla e bem fundamentada dos estudantes, não deve estar preocupado com a sua filiação a uma determinada corrente, mas cabe a ele percorrer diferentes searas a fim de encontrar guarida para o seu fazer docente. Por isso os professores podem (e devem) apropriarem-se de diferentes teorias linguísticas com vistas à plena formação de seus alunos.

O presente artigo propõe-se a evidenciar, diante do que foi dito, uma forma de trabalho com o texto, especificamente com o gênero conto popular, no Ensino Fundamental, por meio da descrição e da reflexão teórica de uma prática docente com alunos do sexto ano. Procura-se, sobretudo, divulgar um plano pedagógico que convirja aos avanços da Linguística Textual. Por conta disso, torna-se oportuno trazer para a discussão algumas das principais reflexões do campo, por exemplo: as noções de gênero, de textualidade etc.

O texto será desenvolvido da seguinte maneira: primeiramente, apresentar-se-á o projeto didático desenvolvido, o qual poderá, inclusive, servir de inspiração às pessoas interessadas em replicar, fazendo as alterações necessários, o plano apresentado em sua prática profissional. Em seguida, far-se-ão algumas reflexões sobre os pressupostos teóricos que embasaram o fazer pedagógico divulgado. Nessa segunda parte do artigo, não se pretendem aprofundar exaustivamente as reflexões linguísticas suscitadas, mas apenas demonstrar de que maneira tópicos linguísticos podem, uma vez levados ao ensino básico, contribuir para o trabalho dos professores. Nas considerações finais, serão ponderados alguns resultados da aplicação do projeto.

## **Descrição do projeto**

Conforme foi antecipado, esta parte do presente artigo procura apresentar o projeto *Narrativas de tradição oral: de leitor a contador de histórias*. Para tanto, serão apresentados seu público, seus objetivos, suas etapas e os recursos que foram necessários para a sua aplicação e para o seu desenvolvimento.

A proposta pedagógica que ora passa a ser apresentada foi desenvolvida na rede privada de ensino. Os seus alvos foram, de um lado, alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, que participaram como leitores de contos populares e como contadores das histórias que leram a alunos do quinto ano que, de outro lado, participaram também do projeto como público dos narradores mirins.

Deve-se dizer às pessoas interessadas em reproduzir o projeto que é possível, ainda, aplicá-lo em outros níveis de ensino, como quinto ou sétimo ano, por abordar um gênero caro a alunos que tenham entre 10 e 14 anos. Professores da rede pública também podem replicar o plano em suas comunidades, afinal a escolha pela rede privada ocorreu exclusivamente por conta da experiência dos professores que desenvolveram o trabalho, os quais atuam em uma escola particular de Porto Alegre-RS.

O projeto teve como objetivo despertar o interesse dos alunos pela leitura e pela investigação científica. Ademais, pretendeu desenvolver nos estudantes a consciência sobre a função que os contos populares exercem nas comunidades em que são transmitidos. No que se refere ao desenvolvimento de habilidades discursivas, as atividades desenvolvidas pretendiam desenvolver técnicas de leitura, bem como aprimorar a desenvoltura dos alunos do sexto no que se refere à exposição oral. Objetivou-se, ainda, para os alunos do quinto ano, os quais constituíram o público dos contadores de histórias, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, quais sejam, atenção, empatia e controle da impulsividade.

Para inserir os alunos na temática do projeto (e para cumprir um dos objetivos), selecionou-se um livro para ser lido por fruição. Trata-se da obra *Amizade eterna e outras vozes da África*, de autoria de Ilan Brenman, publicada pela editora Moderna, no ano de 2016. Essa escolha se justifica pela linguagem utilizada por Brenman (2016), bem como pela temática da obra, que aborda alguns questionamentos sobre o surgimento da humanidade, os quais são feitos por pessoas da referida faixa etária. Uma vez em contato com os contos populares africanos, os alunos puderam perceber que muitas das suas inquietações não são recentes, mas remetem a um tempo distante. A obra literária que constitui um dos recursos que foram necessários para a aplicação do projeto apresentado pode ser substituída por outras, de acordo com o interesse e/ou o acervo bibliográfico da escola em que será replicado o plano pedagógico.

A leitura por fruição se deu ao longo de um mês, ao fim do qual muitos alunos demonstraram satisfação em ter descoberto como alguns elementos do seu próprio folclore remetem-se a tempos muito mais antigos do que pudessem imaginar. Após esse período, os professores, a fim de que os alunos construíssem conhecimento sobre o gênero a ser trabalhado, pediu que os alunos respondessem a um questionário em *Hyperdocs*<sup>3</sup>, com algumas questões norteadoras, tais como *O que é conto popular?*, *Os contos populares têm autoria conhecida? Por quê?*, entre outras. No mesmo documento de

---

<sup>3</sup> Trata-se de um documento de texto digital, no qual se disponibiliza aos alunos algumas questões de pesquisa e hiperlinks para consulta bibliográfica via internet.

texto em que se encontravam as perguntas, havia fontes bibliográficas para pesquisa. Desse modo, despertou-se nos alunos o interesse pela investigação científica. A figura 1, apresentada a seguir, ilustra o que se disse:

**Figura 1** – Hyperdoc narrativas de tradição oral

## NARRATIVAS DE TRADIÇÃO ORAL

Você tem de conhecer algumas características das narrativas de tradição oral para tornar-se um contador de histórias. Para atingir esse objetivo, você vai estudar, em grupo, seguindo as perguntas de pesquisa dadas pelo seu professor.

Para responder às perguntas levantadas, você deve consultar as fontes indicadas em "onde pesquisar". Lembre-se de não copiar as informações encontradas nos sites ou nos livros indicados, mas de fazer paráfrases (reescritas com as suas palavras) dos textos lidos. Depois de cada paráfrase, entre parênteses, insira a fonte da informação.

### Parte 1 – Estudo das narrativas de tradição oral.

Perguntas	Respostas
O que é um conto popular?	
Os contos populares têm autoria conhecida? Por quê?	
Que atividade humana fez com que surgissem os contos populares?	
Quais são as duas possibilidades de apresentar os fatos de uma narrativa a um leitor/ouvinte?	
O que são marcadores temporais?	

## Onde pesquisar?

Site 1 - [Conto popular](#). "Escola Britannica".

Site 2 - [Contação de histórias](#). "Escola Britannica".

Blog 1 - [Marcadores temporais e espaciais](#). "Parcimônia".

Blog 2 - [Marcadores temporais](#). "Português".

Documento 1 - [Conto popular - ficha explicativa](#)

Livro didático - p. 23 e p. 24

Vídeo 1 - [Cordel "A Chegada de Lampião no Céu" em audiovisual acessível](#). "YouTube"

## Você acessou outros sites? Quais?

Título do site	Link

## Parte 2 - Aplique seus conhecimentos

**Passo 1** - Escolha um conto popular para recontar aos seus colegas de sala e de colégio. Você não pode escolher um que já tenha sido selecionado pelos seus colegas, por isso, acesse este [documento](#) para verificar os contos já escolhidos e para registrar o conto que o seu grupo vai recontar. Você deve escrever o conto recontado.

## Onde encontrar contos populares?

Na internet	Na biblioteca do colégio
Site 1 - <a href="#">Contos populares</a> - "Histórias infantis". Playlist - <a href="#">Cordéis</a>	Seção "Literatura de cordel" Livro "As mil e uma noites"

**Passo 2** - Determine que parte da história será contada por cada membro do grupo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Antes de mais, vale ressaltar uma característica peculiar do modelo de trabalho, o qual deu aos alunos autonomia na sua aprendizagem: durante todo o processo de aplicação do projeto, o professor não assumiu o papel de um ser transmissor do conhecimento, mas sempre esteve presente como um mediador entre o aluno e o saber.

Em outra fase do projeto, a terceira, os estudantes tiveram de elaborar, em grupos de cinco elementos, uma apresentação de *slides*. Nela, deveriam elencar informações sobre um conto popular de sua preferência. Essa tarefa proporcionou aos alunos descobrirem as principais características da cultura em que surgiu o conto escolhido. Proporcionou, ainda, o envolvimento dos alunos com histórias variadas, com as quais se depararam ao longo da pesquisa. Os pesquisadores mirins estiveram em contato com fábulas, lendas, contos de fadas, cordéis e textos que, de uma maneira ou de outra, transmitem ensinamentos das culturas nas quais surgiram.

Depois de terem pesquisado um conto popular, por meio de discursos que versavam sobre como eles se constituíram e sobre as características culturais que apresentavam, os envolvidos passaram a deter a experiência de que necessitavam para tornarem-se contadores de histórias. Por isso, foram convidados a, com as suas palavras, recontar o conto que estudaram, mantendo os principais elementos da história original, tanto no que se refere ao conteúdo temático, quanto no que diz respeito aos elementos constitutivos da história (personagens, espaços etc.). Assim que todos os grupos haviam definido a forma que o seu reconto teria, foram organizadas sessões de contação de história.

Os alunos foram levados à biblioteca da escola para transmitir, por meio de uma narração oral de um conto popular, os conhecimentos que haviam adquirido. Neste momento, cumpriram o papel dos antigos contadores de histórias, além de perceberem por que é importante desenvolver a expressão oral. Os estudantes, portanto, trabalharam com a linguagem de uma maneira substancialmente distinta do modelo tradicional. Eles viveram experiências linguísticas variadas, por meio do contato com diferentes discursos. Dedicaram-se à interpretação e a produção de textos e tiveram de refletir sobre as melhores opções que a sua língua lhes oferecia para expressarem-se oralmente. Por todas

essas razões, pode-se dizer que o projeto recém apresentado cumpriu todas as metas a que se propôs.

Uma vez apresentado este panorama sobre o projeto, é oportuno refletir sobre os pressupostos teóricos que lhe deram sustentação. A seção subsequente, porque se dispõe a apresentar pensamentos dos principais autores que se dedicaram ao estudo do texto, serve para que se esclareçam as contribuições da ciência linguística para o trabalho desenvolvido.

### **Reflexões teóricas**

As reflexões teóricas aqui suscitadas não se interessam em aprofundar a temática exaustivamente, mas querem apontar percursos teóricos a serem seguidos pelos professores de nível básico diante de sua atuação profissional. Para tanto, são apresentados alguns estudos linguísticos que versam sobre discurso e sobre texto. À medida que tais estudos são trazidos à discussão, fala-se ainda sobre a maneira como deram sustentação teórica ao projeto pedagógico anteriormente apresentado.

Santos, Riche e Teixeira (2012) salientam que o professor de língua materna tem por objetivo levar os seus alunos ao desenvolvimento da competência discursiva, propondo o contato com textos orais e escritos. Nesse sentido, pode-se dizer que as características do gênero conto popular apresentam o que é necessário para que se possa desenvolver um trabalho, tanto com a escrita, quanto com a oralidade, porque apresentam afinidade com esses dois modos de produção discursiva. Como ficou evidenciado na descrição do projeto, os alunos tiveram de ler contos populares para então recontá-los oralmente.

De acordo com Bakhtin (1992, p. 279), “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”. A partir dessa reflexão, presume-se que o surgimento dos contos populares está diretamente relacionado ao costume de contar histórias que o ser humano mantém desde a Pré-História. Muitas culturas, ágrafas e letradas, recorreram aos contos populares para que os seus conhecimentos fossem transmitidos de geração em geração. Por conta disso, nas comunidades ágrafas, o contador de histórias exerce um

importante papel social. No século XIX, duas figuras emblemáticas dedicaram-se ao registro escrito dos contos populares de tradição oral que circulavam pela Europa. Os irmãos Grimm, algumas vezes, adaptaram as histórias que ouviam à sua própria visão religiosa, moral e cívica.

Hoje em dia, no que couber, a figura do contador de história pode ser comparada às pessoas que se dedicam a ler ou a narrar oralmente contos aos seus próximos, perpetuando o interesse em manter vivos os costumes de uma dada coletividade. Depreende-se disso que os contos populares continuam exercendo forte influência na formação da personalidade individual e do sentimento de pertencimento a um povo. Afinal, como afirmam as autoras Santos, Riche e Teixeira (2012, p. 97), “ler e escrever são também ferramentas para comunicar, ampliar o conhecimento, instrumentos para criar identidades, perfil pessoal e profissional, uma vez que somos seres construídos pela linguagem [...]”.

Obviamente, os alunos submetidos ao projeto são sujeitos pertencentes a culturas letradas. A cultura deles, portanto, não enxerga a figura dos contadores de histórias da mesma maneira que culturas ágrafas africanas costumam enxergar. Para que os alunos possam ter uma noção do os griôs, por exemplo, representam por manterem viva a memória cultural de seu povo, torna-se necessária uma pesquisa a respeito da temática pelos estudantes ou ainda a leitura de narrativas que versem sobre o assunto. O conto *Dofú, o sábio* (BRENMAN, 2008) narra a saga de um contador de histórias africano em busca da resposta a um enigma que lhe é colocado. Pela forma como o texto descreve a figura do velho sábio: alguém muito respeitado e admirado pelos aldeões, uma pessoa que vivia cercado de crianças que gostavam de ouvir suas histórias, os alunos podem construir uma representação a respeito do valor social de um contador de histórias.

O subtítulo do projeto apresentado (*de leitor a contador de histórias*) busca nomear essa característica: como o projeto foi aplicado a sujeitos pertencentes a uma cultura letrada, na qual não se costuma atribuir aos contadores de história valorizações sociais semelhantes àquelas que recebem em culturas ágrafas, foi necessário percorrer um caminho que partisse da leitura (e do reconhecimento, por meio da descoberta, da importância de figuras como os griôs, por exemplo), para que se pudesse passar, então,

pela assimilação dos valores culturais de um determinado povo (por meio da pesquisa orientada) para então poder tornar-se um legítimo contador de histórias (ao recontar contos populares aos seus pares).

De acordo com a *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*, tornou-se obrigatório, no Brasil, incluir o ensino da história e da cultura afro-brasileira nos currículos das redes oficiais de ensino, especialmente em disciplinas como Educação Artística, Literatura e História (BRASIL, 2003). Embora a maioria dos contos populares, dentre eles os contos de fadas, remeta a uma visão de mundo eurocêntrica, foi no continente africano que surgiu a espécie humana. Por isso, em uma sociedade cheia de preconceito e estigma em relação à figura negra e à África, é papel do professor conduzir os alunos à consciência de que todos os Homens têm uma origem comum. Assim sendo, há que inserir os alunos em um universo discursivo adequado, que remeta à ancestralidade africana e que lhes permita o reconhecimento dessa origem.

No projeto apresentado, os contos populares africanos apresentam potencial para o cumprimento da tarefa incumbida ao professor, pois deram conta de todas essas temáticas. Por essa razão, enxergou-se na leitura da obra *Amizade eterna e outras vozes da África* (BRENMANN, 2016) uma forma não apenas de motivação dos alunos, mas também de formação das suas identidades.

Diz Bakhtin (1992) que todo enunciado é um elo na cadeia de comunicação verbal, que toda compreensão é prenhe de resposta, e se pôde verificar empiricamente, no projeto desenvolvido, que o contato dos alunos com o gênero conto popular ensejou a criação de novos enunciados. Isso porque, em uma das etapas do plano pedagógico, os alunos de 6º ano precisaram recontar os contos populares. Por conta disso, o desenvolvimento do trabalho apresentado, cumpriu também o que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais, quando dizem:

[...] o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. (BRASIL, 1997, p.21)

Ou seja, os próprios PCNs reconhecem que produzir linguagem é produzir discurso, e esse quando produzido manifesta-se linguisticamente por meio de textos.

Considera-se que o projeto apresentado possibilitou a produção textual dos alunos que tiveram de planejar uma adaptação oral de um conto popular. A noção de texto agora, tal como definida por Santos, Riche e Teixeira (2012), não foi entendida como uma cadeia de frases desconexas, mas sim como uma unidade de sentido, na qual se podem observar alguns aspectos de textualidade. Nota-se, na definição de Santos, Riche e Teixeira (2012) uma concepção diferente daquela apontada anteriormente quando se falou em da noção discurso apresentada por Bakhtin (1992).

No que se refere ao ensino e ao aprendizado de uma língua, percebe-se que uma noção abraça um conceito de língua que a outra não é capaz de alcançar. Por isso, cabe ao professor conhecer as diferentes vertentes teóricas para poder atingir o pleno desenvolvimento linguístico dos seus alunos. Deve-se, pois, aceitar a infidelidade dos professores a um único modelo teórico e a filiação deles às variadas teorias da linguagem.

Quando se falou, por exemplo, sobre como o pensamento bakhtiniano pode ser transposto ao ensino de língua materna, mesmo que houvesse espaço para se falar sobre a maneira como os discursos surgem na sociedade, oralmente ou por escrito, em uma dada esfera de atividade, em resposta a outros discursos, não houve lugar para se falar sobre os aspectos de textualidade que compõem esses discursos. A razão para essa inviabilidade é óbvia: Bakhtin e os filósofos de seu círculo não se preocuparam com ela.

O professor, por outro lado, é incumbido de formar sujeitos plenamente capazes de exercer sua cidadania por meio de textos orais e escritos (BRASIL, 1997). Por essa razão, não poderá deixar de evidenciar aos seus alunos a maneira como elementos de textualidade influenciam na produção de um texto. Por isso deverá buscar aporte teórico em estudos que demonstrem, por exemplo, a importância de intencionalidade, de aceitabilidade e de situacionalidade.

Marcuschi (2008), tal como foi referência para o projeto apresentado, poderá ajudar os professores nessa missão. Diz o linguista de Recife que essas categorias de textualidade (intencionalidade, aceitabilidade e situacionalidade) não são observadas em estaque, já que os textos precisam ser analisados como “uma realidade e não uma

virtualidade. Pois o texto não é apenas um sistema formal e sim uma realização linguística a que chamamos de evento comunicativo [...]” (MARCUSCHI, 2008, p. 94).

Tais aspectos, em nível pragmático, puderam, de fato, ser vistos no projeto apresentado, porque no evento comunicativo final, isto é, na apresentação do reconto, foram constatadas formas linguísticas usadas pelos alunos, a fim de evidenciar a intenção com que o discurso foi produzido, especificamente, a intenção de contar as histórias populares a seus pares das séries anteriores. Visto dessa forma, ratifica-se que o discurso dos estudantes foi elaborado enquanto “empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa” (COSTA VAL, 1991, p. 10).

Já o critério aceitabilidade, que é contíguo ao de intencionalidade, e que, segundo Santos, Riche e Teixeira (2012, p. 100), refere-se “à atitude do receptor do texto”, verificou-se no momento em que os alunos do quinto ano, na biblioteca, escutaram as histórias recontadas. Posto que aceitabilidade, para Beaugrande e Dressler (1983 *apud* COSTA VAL, 1991, p. 11), “concerne à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente”. Os interlocutores, no plano apresentado, aceitaram o discurso oral como tal e consideraram-no relevante ao contexto inserido, sendo possível, através dele, adquirir conhecimento referente às culturas representadas nos contos populares, o que inclui o seu próprio folclore.

O último aspecto de textualidade dos que foram selecionados para conferir a apresentação discursiva dos alunos, o de situacionalidade, também consoante as argumentações de Beaugrande e Dressler (1983 *apud* COSTA VAL, 1991, p. 12), diz respeito à “adequação do texto à situação sociocomunicativa”. Em vista disso, corrobora-se que há situacionalidade no momento em que os alunos readaptam o conto com o propósito de alcançarem o objetivo proposto pelo projeto.

Ressalta-se, como sugere Marcuschi (2008), que os professores não analisaram os critérios como princípios para boa formação textual produzida pelos alunos, mas sim como eles foram utilizados na apresentação oral, para que os alunos dessem sentido à história do conto.

Diante de todos os argumentos apresentados, pode-se justificar, no fazer docente, uma fundamentação teórica composta por diferentes perspectivas linguística, desde que seja adequada aos objetivos que se pretendem alcançar e ao pleno desenvolvimento do aluno. Além disso, pode-se dizer que o projeto apresentado vai ao encontro do modelo de trabalho que a Linguística Textual tem apontado para o ensino de língua materna.

Feitas essas reflexões teóricas resta, pois, referir os resultados do projeto. A essa tarefa é dedicada a próxima seção deste ensaio.

## Considerações finais

Quis-se apresentar um modelo de trabalho com o gênero *conto popular* no Ensino Básico, mais especificadamente nos anos finais do Ensino Fundamental. Para tanto, divulgou-se um projeto didático, o qual foi pensado com o objetivo de desenvolver habilidades de leitura e de produção oral nos estudantes. Para divulgar o plano de ensino, relatou-se quais foram os sujeitos, objetivos, as etapas e os recursos necessários para a aplicação e para o desenvolvimento do projeto. Ofereceram-se, assim, subsídios para que, inspirados no plano publicado, outros professores possam replicá-lo em suas aulas.

O projeto divulgado tornou-se ensejo para as reflexões teóricas que foram, em um segundo momento, tecidas. Na segunda parte do artigo, passou-se, pois, à observação dos principais fundamentos teóricos que deram sustentação ao projeto pedagógico. Tornou-se, então, evidente a máxima bakhtiniana de que os discursos são produtos das esferas de atividade humana.

Percebeu-se, a esse respeito, que os alunos submetidos à proposta, por estarem inseridos no contexto educativo, são constantemente provocados a exercer uma atitude responsiva em relação aos discursos a que são expostos. Por essa razão, aqueles que inicialmente leram contos populares assumiram, em seguida, o papel de contadores de histórias.

A divulgação do plano pedagógico oportunizou discussões a respeito da textualidade também. Sobre isso, verificou-se que, enquanto locutores, os estudantes acionam uma série de mecanismos linguísticos relacionados à textualidade. Para que pudessem apresentar oralmente um conto popular, os alunos esforçaram-se para recriar, num todo coerente e coeso, os contos que pesquisaram. Esse processo verbal apresentava a *intencionalidade* de transmitir ensinamentos aos mais jovens que, por sua vez, outorgaram a tal processo *aceitabilidade*, porque correspondeu às expectativas dos recebedores. Além do mais, a *situacionalidade* foi identificada quando o conto foi adaptado.

Desse modo, em todo o projeto, os alunos puderam, a partir do trabalho com conto popular, aprender sobre culturas variadas e desenvolver habilidades discursivas também pela oralidade, demonstrando que é possível ensinar língua por outro viés que não o tradicional.

## Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC: SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 12 out. 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm). Acesso em: 06 out. 2019.

BRENNAN, I. **Contador de histórias de bolso: África**. São Paulo: Moderna, 2008.

BRENNAN, I. **A amizade eterna e outras vozes da África**. São Paulo: Moderna, 2016.

COSTA VAL, M. da G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

NEVES, M. H. de M. Reflexões sobre o estudo da gramática nas escolas de 1º e 2º graus.

**Alfa:** Revista de Linguística, São Paulo, v. 37, p. 91-98, 1993. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3936/3614>. Acesso em: 12 out. 2019.

NEVES, M. H. de M. **Gramática na escola**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2018. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012. (Coleção Linguagem & Ensino).